

## Cavacos

Cavaqueando, minha senhora, cavaqueando é que se deveria passar a existencia, esta existencia que pode parecer muito alegre a quem quizer, mas que a mim faz o effeito de um enorme lençol d'agua, muito extenso, muito liso na superficie, muito monótono por consequencia... assim como que uma inundação enorme que tudo houvesse coberto de um momento para outro, predios, herdades, campinas risonhas, creações viçosas, tudo quanto respira alegria e prazer, força e saúde... tudo submergido, tudo mergulhado no fundo das aguas sinistramente calmas, pavorosamente mudas, occultando em seu seio milhares e milhares de desgraças sem nome.

E a vida parece-me isso, minha senhora, exactamente isso.

E quando pego de penna para rabiscar alguma coisa sobre o papel não sei de outra coisa que acuda á imaginação, que me estimule a fibra, que me faça vibrar de modo diverso.

No coração de V. Exa., que é uma harpa celeste, onde ha todos os tons, quando alguém consegue tocá-lo, ha como que o evoluar-se de um mundo de accordo, que sobem alto, muito alto e que vão alem da via lactea, fazer o encanto dos anjos, porque só os anjos comprehendem e-tes requintes de arte, ideal, muito fino, muito tenue, para ser conhecida pelos processos grosseiros dos outros mortaes, como eu, cuja optica tem tão limitada perspectiva.

O meu coração so tem uma unica nota, a nota grave da queixa constante, da censura perpetua a tudo e a todos; e se de tudo e de todos me queixo e se a tudo e a todos censuro é porque já perdi a energia, já abateu-se-me o poder da resistencia, e a lucta agora é um impossivel... luctar para que? Para que empenhar-se uma pessoa em uma pugna, quando tem de ante-mão a certeza de ser vencido?

O melhor é a resignação á derrota prevista, fatal, inadiavel, derrota que fere a alma, embora deixe o corpo incolune, que vai direito ao coração ao qual tira todas as molas, deixando-o simples motor mechanico, sem vida, sem vibratibilidade.

E assim como que ao acca-o, passa o individuo a ser atirado deste para aquelle ponto, a ser aliviado de si proprio, incapaz de um acto de energia mascula, cujas manifestações são sempre symptomas de muita vida, de muito sangue...

E entretanto, minha senhora, para felicidade da humanidade, talvez eu faça parte de um insignificante, ridicula minoria... talvez nove decimos da população gozem aquillo que nunca me será dado gozar: tranquillidade, despreocupação e amor á vida, aos seus encantos que não vejo, ás suas alegrias que não descubro em parte alguma, aos seus pittorescos episodios que não sei onde estejam; porque, como já disse a V. Exa. no começo deste cavaco, a vida para mim tem o aspecto de um immenso lençol o qual occulta em seu seio milhares de milhões de desgraças.

E tenho toda a razão para acreditar que faço parte de uma minoria ridicula, porque vejo os outros se divertirem... Sorriso nos labios, sorriso franco que não engana, que é espontaneo, que vem do coração...

E porque não tenho eu este mesmo sorriso?

Ou quando o tenho, é artificial, convencional, contrafeito?

Porque motivo fez Deus dos labios de V. Exa. uma flor que, sempre que desabrocha em um sorriso, deixa escapar-se o perfume de sua alma, tão pura, tão casta, tão sobre humana que faz estremecer os que o sentem?

Porque motivo o meu sorriso ha de ser o de uma mascara, eternamente afivelada ao rosto e o de V. Exa. a expressão, pura, legitima, verdadeira da candidez de seus sentimentos?

Eis ahí uma tirada de philosophia barata a que V. Exa. não me poderá responder; nem eu a V. Exa. São cousas que absoluta mente não se explicam e não se comprehendem, assim como não se explica e não se comprehende muita coisa neste mundo.

E façamos ponto final por aqui, minha senhora, porque já vai longe este cavaco que ninguem me encomendou e que ninguem me agradecerá com certeza.

Fiquemos por aqui, porque nunca falta tempo para se chorar coisas triste.

## A vingança de Cokenpot

O leitor não conheceu, como eu, este bom e jovial rapaz com o nome de Cokenpot, que apenas tinha um defeito: o de ser perseguido pela mais azeda das sogras que o globo produziu! E dizer que lhe era preciso viver com ella, porquanto a Sra. Taudière, casando sua filha, tinha exigido que não se separasse della.

Ah! genros infortunados de França e de Nova Caledonia canonisae Cokenpot, vosso santo martyr; não será senão justiça!

Ora, esta noite, a Sra. P. Taudière e seus filhos eram esperados a jantar em casa do Sr. juiz de paz do lugar, e mãezinha não se poupava a fazer a seu genro as eternas recommendações do costume:

— Principalmente, Cokenpot, não se esqueça de minha segunda dentadura; imagina so o que pode acontecer.

Porque, querido leitor, lance um olhar sobre a Sra. Taudière e comprehenderá facilmente que o seu queixo estava tão desguarnecido quanto o era, pelo

contrario sua garganta... invasora. E' tambem o meu parecer.

Cokenpot, dando a ultima de mão a sua toilette, não se preocupou em responder as recommendações d'aquella que lhe servia de mentor.

— Oh! mamãe, respondeu elle, apertando a gravata.

E distraído como sempre, com o pensamento muito lonje da sogra, mette no bolso da sobre casaca, nos bolsos de traz, a segunda dentadura.

Advinha-se já que se sentando á meza, Cokenpot sentou-se egualmente sobre a dentadura, o que lhe fez dar um grito horrivel.

Espanto geral em todos os convidados que procuravam saber de que se tratava. Gente seria toda, muito conspicua, não deixou de baixar os olhos timidamente, quando se chegou ao conhecimento da verdade.

Imagine-se como não ficou envergonhado o nosso heroe. E tudo por causa da bruxa de uma sogra!

— Ah! bruxa! rosou elle, tu me pagarás, o mais tardar esta noite mesmo.

Comprehende-se que esta graciosa ameaça dirigia-se á gorda Sra. P. Taudière.

O jantar chegou ao seu fim, e, como os nossos amphytões não frequentavam senão o mundo o mais selecto, chegou emfim o momento do champagne.

Era o instante que Cokenpot esperava.

Como homem educado que é, offerece-se muito gentilmente para fazer o serviço de que se sahe ás mil maravilhas.

Vae desarrolhar o delicioso Mâet-Chandou, e, como é experimentado nestes casos, de fazer saltar a rolha, sob o unico impulso de gaz comprimido, Cokenpot não se absteve de agitar fortemente a garrafa, de gargalho prateado.

Mas, oh! infortunio! voltando-se a meio para sua vizinha de meza que era sua sogra, e inclinando — inconscientemente, iriamos jurar-o — o repiente no momento mesmo em que o arame se despedaçava, o projectil vingador vae, com uma força de dez atmosferas, plantar-se direito no olho da Sra. P. Taudière, que ja sentia crescer-lhe a agua na bocca com o cheiro do liquido.

Ouvio-se um grito, precipitá-m-se todos para junto da offendida que era preza de uma crise nervosa. Ai! todos os cuidados foram inuteis: depois de dois mezes de uma dolorosa convalescença, um especialista chamado declarou que o olho estava perdido, e foi necessario substituí-lo por um outro de vidro. D'ahi em diante, quando Cokenpot vê sua sogra zangada com elle diz sempre:

— E' claro que mãezinha não póde ver-me com bons olhos.

## Canção

Oh! Vem, Georgina! Vem! Que o inverno muito breve,  
O estridente clarim dos temporaes vibrando,  
Ao longe surgirá soberbo, desfaldando  
Dos montes pela crista o seu pendão de neve.

A bruma ha de encobrir o cariz da atmosphera...  
Retumbara no valle, a symphonia ingente  
Que rugé, distendendo os must'los, a torrente  
Transpondo a cordilheira em saltos de panthara.

O sol não descera, desabrochando a aurora,  
Em cadente avalanche a encosta de uma serra,  
E as aves, que a estação do vendaval desterra,  
Cantando fugirão por esses campos fóra.

A relva ha de trajar sudarios de neblina...  
E em corymbos, festões e cachos de mil côres,  
Não mais ha de irromper uma explosão de flores  
Desde o seio da grota ao cimo da collina.

Abre as azas, rolinha! á nivea luz do dia...  
Rompe a nevoa que envolve ás floridas estradas...  
Vem ler os madrigaes das rubras madrugadas,  
Vem meu peito acordar com thrênos de alegria...

Oh! vem... que o teu olhar obumbra as minhas dôres!  
Da tua voz transborda um turbilhão de harpejos!  
Vem, cantando a canção dulcissima dos beijos,  
Desabrochar a flôr dos rutilos amores!

HORACIO GUTERRES.

1884 « Surdinas »

## Os bons exemplos

Nesse dia, tinha eu 16 annos, andava pelos caminhos, com o Deus Amor.

Encontramos um pobre diabo, semelhante a um vagabundo ou a um malfetor, roto, hirsuto, horrivel a quem os homens da policia maltratavam e empurravam, com más palavras.

Approximei-me do pobre diabo: pareceu-me que havia nos seus olhos escuros, ainda como uma recordação de alegria.

Perguntei-lhe o que fizera para merecer o triste estado a que estava reduzido.

— Amei, disse-me elle.

Um pouco mais adiante, no mesmo caminho, encontramos um mendigo estropiado: uma muleta de baixo de cada braço, arrastava-se penosamente, com modos sórdidos; já não tinha cabellos, já não tinha dentes e os olhos amortecidos, comquanto não fosse muito velho, como os de um centenário.

Approximei-me do mendigo, pareceu-me que tinha sobre os labios pallidos ainda o vestigio de um sorriso.

Perguntei-lhe o que tinha feito para merecer a queda nesse grau de ruina e de abjecção.

— Amei; disse-me elle.

No angulo de um atalho avistamos um homem, com uma corda ao pescoço, pendente dos ramos.

Era horroroso!

No meio da manhã formosa!

Tinha a face violacea, e a lingua afiada sahia-lhe da bocca e, comquanto não estivesse completamente morto, estava mais medonho do que um cadaver.

Approximei-me do enforcado, pareceu-me que havia ainda, na sua frente, como um clarão de triumpho.

Perguntei-lhe que aventura o havia levado a procurar a morte.

— Amei, me disse elle.

Então o jovem deus, com o qual eu passava pelos caminhos, volveu-se para mim e interrogou-me deste modo:

— Tu, que tens 16 annos; tu, que entrarás amanhã namysteriosa vida, que farás criança?

— Amarei, lhe disse eu.

CATULLE MENDES.

## Estatistica

O tempo é dos estatísticos; estatísticas de cavallos pedestres, *velocemen*; não se ouve fallar em outra cousa.

Um amator de estatistica dirigia a este respeito a uma folha parisiense o calculo seguinte cujas conclusões podem parecer, desde o principio, um tanto paradoxaes:

Um pedestro que fosse, por exemplo, de Paris a Belfort, a pé, deveria fazer, na media de 10 centímetros por cada periodo, 714.000 passos para chegar ao fim de sua viagem.

Ora, se elle pronunciasse os numeros successivos de 1 a 714.000, não articularia menos de 6,457,081 palavras!

Suppondo que elle pronuncia 200 palavras por minuto — o que é uma bella media — não lhe seriam precisos, para articular estes 6,457,081 de palavras, menos de 32,203 minutos, ou 22 dias e 10 horas.

A conclusão impõe-se por si mesma:

Poder-se-ia mais depressa andar, do que caminhar...

E' inutil accrescentar que semelhante estatistica não se dirije ás nossas leitoras...

Se ellas entretanto quizerem tentar...

## O nariz d'um dandy

Logo á minha entrada na vida era o meu divertimento predilecto puxar com ambas as mãos pelo nariz. Minha mãe, que presenciava estes movimentos, prophetisou-me desde logo um brilhante futuro. Meu pae, esse, derramou lagrimas de alegria, e presenteou-me logo com um tratado de nosologia, que comprehendia a fundo antes de possuir as minhas primeiras calças.

Tive então o presentimento de que viria a trilhar uma brilhante carreira scientifica, calculando que, todo o homem possuidor de um nariz avantajado póde vir a ser o elegante, o dandy, o leão da epocha. Não me limitei a fazer sobre o caso simples considerações: todas as manhãs dava novos puxões á minha bicanca, a qual em seguida a cada uma d'estas operações, se alongava mais alguns millimetros.

Quando attingi a maioridade, meu pae convidou-me um dia a acompanhá-lo ao seu gabinete.

— Filho — disse-me elle gravemente, depois de nos sentarmos na frente um do outro — sabes qual é o principal fim de tua existencia?

— Meu pae — respondi-lhe — é o estudo de nosologia.

— E o que é a nosologia, Roberto?

— E' a sciencia que trata dos narizes!

— E pódes explicar-me o que se entende pela palavra nariz?

— O nariz, meu pae — repliquei baixando a voz — tem sido definido por milhares de auctores. — Nisto consultei o relógio. — E' quasi meio dia; tenho tempo d'aqui até á meia noite, de referir-me a todos. — E comecei. — O nariz, segundo Bartholinus, é esta pertubancia... esta saliencia... esta excrescencia...

— Muito bem, ás mil maravilhas, Roberto — exclamou o velho gentleman — estou verdadeiramente encantado em vista dos teus numerosos conhecimentos. Sim, pela minha vida (então fechou os olhos e collocou a mão sobre o coração). — Approxima-te (tomou-me pelo braço). A tua educação póde considerar-se agora terminada; o melhor que tens a fazer durante o tempo que tenhas de existir no mundo, é deixar-te sempre conduzir pelo nariz.

Achei excellente o conselho paternal. Resolvi seguir o meu nariz. Puxei ainda por elle duas ou tres vezes e escrevi logo um volume sobre nosologia.

Correu logo com rapidez esta noticia na localidade onde eu era um dos mais illustres habitantes.

Admiravel genio! — disse a *Quarterly Review*  
Extraordinario physiologista — disse a *Westminster*.  
Bello escriptor! — disse o *Edinbugg*.  
Profundo pensador! — disse a *Dublin*.  
Quem será? — disse o sr. Meia Azul  
Quem será? — disse a Sra. Meia Azul.  
Quem será? — disse a menina Meia Azul.  
Não dei attenção alguma á opinião dos criticos e  
dirigi-me ao atelier de um artista, onde n'essa occasião  
estavam presentes a duqueza de Deus Me Abençoê,  
o marquez de Tal e Tal, o conde Disto e Daquillo, e o  
principe de *Noli me tangere*, etc.

Approximei-me do artista e levantei o nariz.  
— Soberbo! — exclamou este.  
— Socorro! — balbuciou o marquez.  
— Oh! indecoroso! — disse o conde  
— Oh! medonho! — resmungou Sua Alteza.  
— Quanto quer por elle? — perguntou o artista.  
— Por elle qué! — gritou admirado Sua Alteza.  
— Pelo seu nariz.  
— 1.000 libras — disse eu, sentando-me.  
— 1.000 libras? — repetiu o artista com um ar de  
sonhador.

— 1.000 libras — disse eu.  
— E' uma belleza — disse elle, ficando extatico.  
— 1.000 libras — repeti.  
— Garante-o? — disse-me o artista, voltando o meu  
nariz para a claridade.  
— Garanto-o, pois não!... — Em seguida associei-me  
com violencia.

— E' authenticico? — perguntou, ainda tocando-o com  
respeito.  
— Duvida? — respondi-lhe, torcendo-o e puxando-o de  
um para outro lado. E' meu .. muito meu... faz parte  
do meu todo.

— De facto não conheço outro exemplar. Nunca per-  
mittiu que lhe tirassem copia? perguntou-me, obser-  
vando-o com um microscopio.

— Nunca — respondi-lhe — empertigando-o.  
— Admiravel! — gritou espantado pela minha ma-  
nobra.

— 1.000 libras!  
— 1.000... libras?  
— Exactamente.  
— 1.000 libras?  
— Justamente.  
— Tel-as-ha.

Que bello capital! Assignou-me immediatamente um  
documento e desenhou em seguida o meu nariz

N'esse mesmo dia enviei a Sua Magestade a 99ª edi-  
ção da minha *Nosologia*, com um *fac-simile* do meu nariz.  
O Principe de Galles convidou-me para jantar; para  
o qual só foram convidados os mais distinctos ele-  
gantes.

Tinha na minha presença o mais genuino bom tom.  
Estavam alli um neoplatonico, um professor de perfec-  
tibilidade humana, o sr. Paradoxo Pasitivo, Aesthet-  
icus Ethix, Theologos Theologia.

Havia fricassée du Rochedo de Cancala, Bibulus  
O'Bumper, o sr. Tintontintino de Florença, o reitor da  
Universidade de Fum-Fudge, um Grão Turco, Del-  
phins, Ferdinand-Fitz-Fonilus Feldspath.

Fallavam de mim, de mim, de mim, e sempre  
de mim! — de nosologia, da minha brochura... e de  
mim.

— Feliz homem! Homem miraculoso! — disse o  
Principe.

— Explendido! — disseram todos os convivas  
No dia seguinte a duqueza de Deus Me Abençoê fa-  
zia me uma visita

— Ha de vir ver-nos a Almack, querido — disse ella,  
dando-me uma palmadinha nas bochechas.

— Sim, minha senhora, dou-lhe a minha palavra de  
honra.

— Mas com o seu nariz, bem entendido?

Na vespera do dia da partida para Almack puxei  
ainda repetidas vezes pelo *beque*, o qual ainda se along-  
ou mais se era possivel.

Os salões estavam repletos de curiosos. A atmos-  
phera que alli se respirava era em extremo aba-  
fadaça.

— Ahi vem o homem! — ouvi dizer a alguém quando  
eu subia a escada.

— Elle ahi vem! — disse um outro individuo um pouco  
mais adima.

— Elle ahi vem! — disse tambem um outro mais  
acima.

— Eil-o que chega — exclamou a duqueza — chegou o  
meu amorsinho! E estreitando-me as mãos beijou tres  
vezes o nariz!

Um susurro percorreu a sala.

— Diabo! — exclamou o conde de Capricornitti.

— Ih! Jesus! — murmurou D. Stiltteto.

— Com mil trovões! exclamou o principe de Gre-  
nouille.

Isto na verdade não podia continuar assim.

Eu zangava-me. Voltei-me bruscamente para Blud-  
denmuff.

— Senhor! Sois um espantallo!

— Senhor! replicou elle depois de pequeno silencio.  
Em seguida trocamos os nossos cartões.

No dia seguinte em Clark-Farm, cortei-lhe o nariz e  
dirigi-me ao local onde devia encontrar alguns dos  
seus amigos

— Bruto! disse-me um d'elles.

— Imbecil! disse outro.

— Estupido!

— Burro!

— Biltre!

— Tolo!

— Retire-se!

Senti-me bastante mortificado e dispuz-me a procura-  
r meu pae.

— Meu pae — perguntei-lhe — qual é o principal fim da  
minha existencia?

— Meu filho — replicou — é e será sempre o estudo da  
nosologia, mas cortando narizes ultrapassas o teu fim.  
Tens um nariz verdadeiramente extraordinario, é in-  
contestavel, mas com o teu proceder só conseguiste  
ser assobiado e tornar o teu adversario o heroe do dia.  
Concordo que a distincção do elegante está na razão  
directa do seu nariz; mas, céos! não se pôde concor-  
rer com um elegante que o não possua?

EDGAR POE.

## Nocturno

Olha ao sul o Cruzeiro brilhantino...  
Como é doce o luar! Com que magia  
Canta em silencio... e as flôres e a ambozia  
Banha em seu lago placido e argentino...

O anhérito do vento é crystallino,  
Farfalhando de leve a ramaria...  
A luz celina e pallida allumia  
O baldaquim copado e viridino.

Vê como os asteriscos rivalisam:  
A cima e a baixo os astros... se argyrisam  
As frondes dos asplêndios nos lizins...

Em derredor de nós, o esplendoroso  
Céu idéal, dulcissimo odoroso,  
Estrellejado a lyrios e a jasmin!

CINCINATO GUTERRES.

Das «Filipendulas».

## Amar, esperar e desejar

I

Sabes o que eu amo? Não é a gloria, de certo! não  
é essa fascinadora e cruel divindade, a cujos pés os  
louros rolam sempre molhando de sangue e lagrimas!

Não é a riqueza!... A riqueza embala nos seus bra-  
ços macillentos o lugubre phantasma da vigilia e do  
terror.

Não é a fortuna! desvairada deusa, protectora dos  
loucos ambiciosos, cujo pedestal o destino construiu  
sobre a garganta dos funebres abysmos.

Eu amo... o bando das borboletas que, felizes, po-  
voam a languida transparencia da tarde.

II

Sabes o que espero? Não é a corôa esplendida do  
triumpho nem o manto de arminho e purpura, que os  
predilectos da victoria arrastam entre as ambições da  
terra.

Não é um nome de certo!... O nome desaparece  
veloz, e o esquecimento baixa depressa e tão solemne  
sobre a memoria, como a mortalha sobre os ossos  
descarnados e frios.

Eu espero... morrer n'uma noite cheia de estrellas,  
com as mãos entre as tuas e a cabeça estendida no  
colo de minha mãe.

III

Sabes o que eu desejo? Não é a lapide ornada de  
custosos emblemas, florões de marmore de Paros e  
figuras allegoricas symbolisando a minha prematura  
morte.

O marmore cae flagellado pela espada do tempo, e  
as letras de oiro do epitaphio apagam-se pouco a  
pouco, lembrando aos vivos que a vaidade é pó e que  
o orgulho humano deve estacar perante a magestade  
sombria da sepultura.

Eu desejo que plantes á cabeceira de minha cova  
um grupo de rosas e madresilvas com as tuas proprias  
mãos.

E minha alma virá todas as tardes, no bando das  
borboletas felizes, espalhar entre os teus cabellos o  
aroma das flores que perfumarem o tumulto de teu  
desditoso amor.

LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR.

## MOSAICO

Na policia correccional:

— E' a oitava vez que aqui vem o senhor por mo-  
tivo de embriaguez manifesta.

O PRESO — Meu presidente, eu sou um bebado (com  
um tom convencido), bebo para esquecer.

— Mas porque não se esquece de beber?

\*

O amor nasce da expectativa falsa que, como as  
miragens do Sahara, desfazem-se com a aproximação  
de quem as vê.

BRITO.

Em casa de um judeu. O pai diz aos filhos:  
— Não é verdade que a venda de José foi uma coisa  
abominavel?

Todos em côr:

— Sim senhor! Venderam-no muito barato.

\*

Não me posso conformar  
Com estes tempos de frio,  
Quem dera ca o verão  
Mais os seus banhos de rio!

\*

Foi no coração que Deus collocou o genio das  
mulheres, porque as obras deste genio são toda  
obras do amor.

LAMARTINE.

\*

Um viajante furioso:

— Isto é abominavel! Durante a noite quasi e  
comido pelos percevejos.

O estalajadeiro, muito admirado:

— Parece incrível! Pois eu e minha filha ainda  
hontem de manhã matamos nesse quarto mais d  
duzentos!

\*

Sem a mulher o homem seria rude, grosseiro, sol-  
tario, e ignoraria a graça que nada mais é do que  
sorriso do amor. A mulher mantém em torno della  
as flores da vida, como estas lianas da floresta que  
ornam o tronco dos carvalhos com seus grinaldas  
perfumadas.

CHATEAUBRIAND.

\*

— Minha senhora!

— Sr. doutor!

— Já se retira?

— Já.

— Nem me espera sequer um instante?

— Espera-o! E'n que caracter? Como medico, não  
me sinto doente, ao contrario, como conhecido...

— Sim, sim; como conhecido, minha senhora.

\*

N'um hippodromo.

— Eu orgulho-me muito deste cavallo: nunca  
perdeu senão numa corrida.

— E quantas vezes tem corrido?

— Uma vez.

## AS NOSSAS GRAVURAS

Amor materno

O nosso quadro representa uma scena domestica...  
o filhinho brinca no tapete, olhando depois de algu-  
ma innocente travessura para a mamã carinhosa,  
que por sua vez o envolve com um d'estos olhares  
longos, profundos, indefiniveis que só a maternidade  
produz.

Quantas scenas semelhantes na vida real, não terá  
encontrado a leitora.

E quantas vezes seu coração não se terá expandido  
deante de tão simples e ao mesmo tempo deante de  
tão commovedora scena?

A morte de Sta. Clara

O nosso quadro é um bellissimo assumpto da idade  
media, no trabalho de pintura religiosa em que tanto  
se distinguiram os pintores d'aquella epocha.

Os museus do Louvre, de Madrid, da Italia, estão  
cheios de telas deste valor que ainda hoje perduram,  
como obras primas.

Representa Santa Clara em seus ultimos momentos,  
placida, serena, a evolvar se para a mansão dos justos.

## ECONOMIA DOMESTICA

A maturidade dos figos

Quantas pessoas que possuem uma figueira em seu  
jardim e que todos os annos ficam desconsoladas, por  
não verem os fructos chegar a maturidade.

Eis um remedio ao alcance de todos os amadores e  
que lhes permittirá fazer a colheita de sua figueira:

Logo que se vê, que o olho dos figos está bem for-  
mado e tomou um colorido roseo ou avermelhado,  
applica-se, com o auxilio da ponta de um tato muito  
tenue, uma gottasinha de oleo de oliveira fino, tendo  
o cuidado de não tocar senão o centro do olho.

Esta operação deve ser praticada por um bello  
tempo, e tanto quanto possivel, a noite, depois do  
por do sol.

No dia seguinte o figo amanhecerá inchado, quasi  
molle.

Colha-se quatro dias depois.

### A herva da Virgem

Trata-se da salva, tão espalhada, tão conhecida, que se acha em todos os climas, em todos os paizes, e cuja presença é por toda a parte doce e querida aos homens.

E' mais do que uma planta estranha e rara, é uma herva sagrada que, durante seculos, teve em todos os jardins o seu lugar de honra e de sympathy.

Era a planta da casa, a amiga do lar, a providencia do doente, a doce e boa salvinha, vivendo respeitada n'um cantinho do jardim rustico ao abrigo dos ventos.

Como que estava n'esse sanctuario cheio de sol, no meio dos tomilhos e da alfazema, mas rigorosamente afastada das ortigas e da gramma.

E eram-lhe dados nomes encantadores, dictados pelo reconhecimento e pela amizade: chamavam-lhe affectuosamente a *boasinha*, a *bemfeitora*, a *salutar*, a *herva que cura*, a *planta sagrada*, a *folha do socorro*, a *flor de repouso*, a *flor de saude*, a *flor de vida*, a *herva da Virgem*...

Não se diria que ha em todos estes nomes cheios de graça ingenua uma especie de lithania rustica exalando um allivio e perfume?...

Rabelais exaltava as propriedades beneficas da salva, e Michel Montaigne, no seu jardim do Périgord, cultivava salvas com a mão que escrevia os immortaes *Ensaíos*.

Madame de Sévigné, nas suas cartas, engrinalda a salva com os mais lisongeiros epithetos, e Jean-Jacques consagrou a essa doce planta uma pagina delicada. No seu retiro selvagem do «valle de Lobos», Chateaubriand pede á salva o allivio que as outras plantas lhe recusam, e recommenda á sua velha amiga Madame Récamier, o uso d'essa herva bemfeitora.

Devemos, emfim, lembrar aquelle aphorismo da escola de Salerno, d'um louvor algum tanto exagerado:

*Quem e que receia morrer  
Tendo a Salva no seu jardim?*

Mas as plantas e as flores têm, assim como os Imperios, a sua grandeza e a sua decadencia.

Distrahidos por novos estudos, os medicos parecem esquecer hoje a salva, que os antigos chamavam «a herva sagrada».

Menos ingrato, e mais atilado talvez, o povo conservou-se fiel á salva, que emprega contra os adormecimentos, os espasmos, as vertigens, os accidentes nervosos. E' sempre a sua *flor de repouso*, a sua *planta de saude*.

A salva é uma das plantas bemfeitoras que Deus fez crescer debaixo dos passos do homem para reparar as suas forças e suavisar os seus males.

Tambem é curioso notar que os viajantes têm-na encontrado em todos os pontos do globo, e que, por toda a parte onde ella se dá, o reconhecimento popular cerca-a d'um certo respeito familiar, quer dê á

salva nomes pittorescos e encantadores, quer engrinalde as suas folhas saltares de graciosas lendas.

E' justamente por uma lenda que vou terminar esta curta pagina consagrada á salva, á *Herva da Virgem*.

Os soldados de Herodes procuravam o Menino Jesus para o levar á morte; Maria, mais morta que viva, fugia atravez das montanhas da Judéa, apertando o seu filho contra o coração S. José, que tinha ficado na planície, andava de casa em casa, implorando para os fugitivos um abrigo que por toda a parte lhe era recusado.

De repente Maria ouviu por traz de si um ruido de passadas: são os soldados, ferozes soldados de Herodes, que a procuram. Onde refugiar-se? Como subtrahir a creança á morte? Na sua angustia e no seu desespero, Maria dirige-se, supplicante, a tudo que a cerca...

Vendo uma bella rosa desabrochada, diz-lhe: — Rosa, bella rosa, desabrocha mais ainda, abre as tuas folhas embalsamadas, e esconde o meu pobre filho que querem matar!

A rosa respondeu: — Segue o teu caminho, porque os soldados, procurando o teu filho, machucar-me-hiam, esfregar-me-hiam, e talvez me esfolhassem. Mas está um cravo ali em baixo. Vai pedir-lhe abrigo. Talvez elle t'o possa dar.

A Virgem corre.

**VINHO DE CHASSAING**  
BI-DIGESTIVO  
Recetado ha 30 annos  
CONTRA AS AFFECTOES DAS VIAS DIGESTIVAS  
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no período de crescimento. *Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.*  
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

**PRISAÇÃO DE VENTRE**  
é curada com o verdadeiro  
**Pó Laxativo de Vichy**  
do D. SOULIGOUX Laxante certo, agradável ao paladar, fácil de se tomar  
O vidro de cerca de 25 doses: 2 fr. 75  
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS.

**PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET**  
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

**UM NARIZ PICADO** de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES  
*Para ser bella e encantar todos os olhos* deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

**POUCOS CABELLOS**  
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **L'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.  
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NÃO ARRANQUEM MAIS**  
os dentes estragados, sanê-os e branqueie-os com **L'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.  
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NINON DE LENGLOS**  
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à PARIS.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sol o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que ella provém, por exemplo, o **DUVET DE NINON** pó de arroz especial e refrigerante  
**Le Savon Crème de Ninon** especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.  
**LAIT DE NINON** que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:  
**LA PATE DES CABELLOS** que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;  
**SEVE SOURCILIERE** que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;  
**LA PATE ET LA POUDRE MANO DERMALLE DE NINON** fara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.  
Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

**VELOUTINE**

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial  
PREPARADO COM BISMUTHO POR

**CH. FAY**  
Perfumista  
9, Rue de la Paix, 9  
PARIS

**XAROPE DE FLON**

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.  
*Soberano contra*

**DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS**

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

*Acha-se em todas as Pharmacias.*

**Espartilhos DA CASA DE VERTUS SŒURS**  
PARIZ

A afamada casa DE VERTUS Sœurs acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexível e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.

MARCA REGISTRADA

— Cravo, bello cravo, desabrocha, alarga as tuas folhas cheirosas para esconder o meu pobre filho, que querem matar. Tem compaixão da minha angustia e do meu desespero. Não ouves os passos dos soldados que avançam?

— Segue o teu caminho, responde o cravo. Não tenho tempo para te escutar, porque preciso de florir. Deixa-me, pois, entregue ás caricias da brisa e aos zumbidos das abelhas. Não posso valer-te. Mas, junto do riacho que murmura, vejo um narciso. Vai ter com elle, talvez te arranje um refugio.

A Virgem chega esgotada, chorosa, com a creança ao collo.

— Narciso, bello narciso, eleva mais a tua haste, estende as tuas folhas perfumadas para esconder o meu pobre filho, que querem matar. Escuta o meu pedido! Não ouves aproximarem-se os soldados de Herodes? Não vês scintillar as suas armas, brilhar os seus capacetes?...

O narciso respondeu:

— Segue o teu caminho. Deixa-me receber em paz os beijos do sol e mirar nas aguas a minha fronte de setim. Que me importa a tua angustia e a tua dôr! Não posso valer-te. Mas ali em baixo, sobre aquelle rochedo arido, vive uma salva, emblema da pobreza. Vai pedir-lhe asylo.

A Virgem precipita-se para lá.

— Salva, boa salvinha, abre-te para esconder o meu filho, que querem matar.

E a salva logo se abriu de tal fórma, alargou tão bem as suas folhas milagrosas, que a mãe e o filho poderam esconder-se n'ella.

Depois de passado todo o perigo, Maria sahe do seu esconderijo e diz:

— Bôa salva, pobre salvinha, flor dos pobres, eu te abenço.

E esta benção da Virgem dotou a salva de virtudes soberanas.

J.

### Mater dolorosa

Aquella filha, filha unica, era a menina dos seus olhos. Linda como amores crescera, conservando sempre nas feições delicadas os traços característicos da physionomia do pae, que morrera cedo e moço, deixando inconsolavel a viuva a afagar com lagrimas de infinita saudade os sorrisos infantis da pequenina orphan.

Na apparencia da força e da saude, desenvolvera-se rapidamente, e aos quinze annos ninguem poderia descobrir, através das vivas rosas do seu rosto, que a tísica, herdada do pae, enetára desde muito n'aquelle corpo, triumphante de graça, a sua obra de destruição e de morte. Mas como tossisse e, a espaços não raros

se deixasse cahir n'uma tristeza infinita e sem causa, escaldando-lhes as mãos n'esse momento, a mãe, anciosa, mandou chamar um medico, certa já da fatal sentença que a esperava. E via claramente, á luz de um relampago fugitivo de desesperança e de dôr, como o coração a saltar-lhe dentro do peito, succederem-se todas as scenas da tragica morte do marido! Somente agora era a sua querida filha quem, na mesma poltrona, gemeria a sua infindavel agonía, com o amorticido olhar perdido no vasto panorama do Tejo azul, sereno e manso, que da larga j nella se avistava. Não se enganára!

Recomeçou para a mãe a via sacra dolorosa: noites passadas em claro; o rosario de perguntas ao medico, desafiado á pressa e em voz baixa no corredor, para que a filha não presentisse; a anciedade das horas da consulta, do thermometro que inexoravelmente marcava o mesmissimo grau de febre; o constante sorriso forçado e contrafeito, que a espaços a illudia, á força de illudir a filha sempre alegre na pequena sala tão risonha e florida havia pouco, e que agora fechada com os frascos dos remedios sobre o marmore da console, e a tigela do caldo arrefecendo por sobre as bancas, respirava tristemente d'ença. Nem sequer o canario cantava na sua gaiola de arame, suspensa da galeria da cortina. Pobre mãe!

Surda e implacavelmente a tísica caminhava apagando nos olhos já morbidos da creança o fogo do olhar, fundindo as roseas côres do rosto n'um tom de cera mate e cavando-lhe no peito, onde o amor não urdira ainda o seu primeiro e illusorio ninho, fundas cavernas que a esphacelavam. A mãe via morrer a sua querida filha, desprendendo-se-lhe dos braços, sem nem sequer ter conhecido os passageiros encantos da vida. Na inconsciencia do mal que a roia, a pobre doente fallava a todas as amigas que a vinham visitar nas festas e bailes que succediam. Era com um vestido côr de rosa que quera ir ao seu primeiro baile.

— Não é verdade, mamã, que nos havemos de divertir?

A mãe, afogando em caricias as lagrimas que a suffocavam, dizia-lhe que sim, pensando que a primeira caminhada seria para a lugubre festa de que se não volta mais!...

Inesperadamente, uma bella manhã entrou, porém, n'aquella noite escura um ridentissimo raio de luz, mais alegre ainda que uma alvorada festiva. Era o telegramma de Berlim, reproduzido em todos os jornaes, annunciando ao mundo a descoberta de Koch. A mãe lia e relia o conciso telegramma sem poder crer o que os seus olhos lhe mostravam. Pudera, se era a vida da sua estremecidissima filha o que aquellas breves palavras lhe traziam. Deus era bom, justo e clemente, murmurava entre o soluçar convulso que a desopprimia. Partiriam, iriam a Berlim, e, doida de satisfação, cuidava-se ja de volta com a filha tão robusta e forte como antes de adoecer. A sua vontade era ir ter com elle, dizer-lhe que estava salva. Teve medo, porém, poderia não ter forças para semelhante commoção. O melhor era esperar o medico, combinar tudo com elle, e até alli calar consigo tamanha felicidade. Que longas lhe pareciam as horas e com que sobresalto escutava o menor ruido na rua. Tinha ao seu lado a filha, tão branca como as velas que no rio vogavam beijadas pelo sol, reclinada na poltrona, no abandono da vida que fugia, e no seu coração de mãe a esperança adquirira taes fóros de certeza, que não via diante de si senão a filha já resuscitada na frescura viçosa dos seus dezeseis annos. Sentia-se feliz!

Ella que, de ordinario, demorava o mais que podia as visitas do medico que, carinhoso e bom animava constantemente com palavras enganadoras a pobre creança, n'aquelle dia, como não falasse na descoberta que era toda a sua preocupação, torcia-se n'uma mal disfarçada impaciencia, tardando-lhe o momento da despedida, para lá dentro, fóra das vistas da filha, o consultar sobre a immediata viagem que projectára. A' catadupa de palavras com que lhe expôs todo o seu plano, o medico respondeu:

— Esperava encontrar-a assim, minha senhora, mas um telegramma só não basta. São necessarios mais pormenores que não podem demorar muito a ser conhecidos. Uma viagem tão longa, emprehendida agora, n'esta epocha do anno, no estado em que se encontra sua filha, seria uma temeridade que não posso nem devo aconselhar.

— E' então certo que me vae morrer?

E foi tal a expressão de angustioso desespero, que se lhe desenhou no semblante descomposto, que o medico interrompeu:

— Não se falla aqui em morrer, apenas em não expôr sua filha a uma viagem inutil. O que se sabe da lympha, que curas tem operado? Esperemos confiadamente e sobre tudo que sua filha não sonhe a existencia do supposto remedio, que lhe daria a certeza da doença que a afflige e que ella ignora. Conservemos-lhe o espirito tão despreoccupado quanto possível. Por minha parte asseguro-lhe que seguirei com attenção as experiencias que seguramente se vão tentar, prompto a fazer tudo que se possa trazer n'um allivio para a sua querida filha.

O medico, com o echo das suas proprias palavras a martelar-lhe ainda nos ouvidos, descia a escada, certo que deixava em cima um cadaver. Agora a vida da mãe concentrara-se inteiramente n'aquella idéa fixa que a dominava. Todas as manhãs lia com ancia os jornaes, e, quando o doutorchegava, antes mesmo de o le-



AMOR MATERNO

var á filha, recomeçava a discussão da vespera com argumentos novos, que demasiadamente provavam a excelencia do remedio. Tão cega estava que nem via os progressos aterradores que a cada minuto a doença fazia, insistindo sempre pela viagem. O medico contestava que as informações dos jornaes não mereciam credito, que era ainda necessario esperar, procurando confundil-a com termos technicos que a desorientavam.

A filha, essa, agonizando, estranhava a mãe que já não tinha para as suas queixas, para os seus gemidos aquella commiserção prompta e fácil que tanto asuavisava. E com a clara perspicacia propria da sua doença relacionava todos os pequeninos factos que a sobresaltavam. Ha que tempo a mãe não fazia ao seu lado a leitura dos jornaes?

Muito naturalmente, aproveitando um momento de se achar só com a creada, que lhe compunha as almofadas da poltrona, pediu que lhe trouxesse um jornal.

— Ora para que quer a menina um jornal? Para lhe fazer a cabeça doida como á mamã, por causa do tal remedio lá da Prussia? Deixe-se d'isso menina, prussianos! gente que nunca fez senão matar outra gente, inventar agora remedios! Eu bem o prégo á mamã.

— Quem te fallou em remedios? O que eu quero é saber o nome da opera que se canta hoje em S. Carlos.

— La isso é outra cousa,—e entrou na saleta contigua trazendo logo um jornal—veja enquanto eu vou falar á mamã.

Em letras gordas, enormes, saltou-lhe immediatamente aos olhos a secção consagrada á cura da tísica.

Estava tísica! E tinha-se effectivamente descoberto o remedio salvador. Mas era tarde, sentia que era tarde, que já não chegaria a tempo! .. Pelas faces desmaiadas começaram a correr-lhe, silenciosas, lagrimas em fio.

Ao sentir passos arremeçou para o lado o jornal, tentando ainda esconder a commenção. Vencida, porém, por um aniquilamento completo, absoluto, de todo o seu ser, estendeu supplicante os braços á mãe e agarrando-a para si, n'um derradeiro esforço, com a voz sumida, a apagar-se, murmurou-lhe ao ouvido:

— Que pena! Não chegar a tempo!  
E deixando a quem se aperta o pescocito delgado! ..

B. P.

Revocata

(31 DE DEZEMBRO)

O' minha santa irman, ó minha cara amiga,  
No teu dia natal permite que eu te diga  
O que ha muito, por Deus, terás comprehendido;  
E e, que o nosso amor, rosal sempre florido,  
Sem cessar, sem cessar, augmenta dia a dia  
Enchendo o nosso jar do aroma da poesia!  
Somos dois corpos, sim, porém um'alma apenas,  
Temos o mesmo riso e sempre as mesmas penas,  
Uma vontade só, um unico desejo;  
Quanto almejas p'ra mim, é quanto a ti almejo.  
Se soffres, soffro eu, se ris também sorrio,  
E de um beijo de amor o santo murmurio  
Oh! quantas vezes vem qual balsamo divino  
Soar junto de nós em dulçoroso hymno!

No livro da existencia, inumeras hão sido  
As paginas de dôr que temos percorrido.  
E os prantos mais crueis, nas faces abatidas  
Temos visto correr, saudosas e sentidas;  
Porém, doce união de crendas e de sonhos  
Inda apoz o soffrer nos traz dias risonhos.

Ah, se o bemdito Deus unidas nos levasse  
P'ra que uma neste mundo a outra não chorasse,  
Parece que no céu, alguém que nos foi guia,  
Ao Sempiterno Ser, ditosa sorriria!

Mas, não falemos não de magoas e de dôres;  
Do nosso santo affecto as perfumosas flores  
Sirvam para esquecer, neste faustoso dia  
Em que ao fitar-te, irman, trasborda de alegria,  
Tudo quanto de triste e negro e amargurado,  
Pelo nosso viver te hoje tem passado!

JULIETA DE M. MONTEIRO.

Rio Grande, 1894.

As linhas que se seguem são de um modernissimo romance portuguez, do Sr. Bento de França, ainda não conhecido no Brasil.

Ahi vaé uma de suas melhores paginas:

AMOR E INFORTUNO

(EXCERPTO)

Lamercier entrou em franca convalescença e, um dia em que passeiava no jardim, acertou de encontrar assentada, n'um banco, só e meditando, a sua gentil e formosa hospedeira. Reuniam-se todos os dias á meza, entabulavam conversações na apparencia ceremoniosas e banaes, mas era por via dos olhos que assuas almas mais tinham communicado, posto que inconscientemente.

Quando se acharam um junto do outro, sentiram-se ambos enleados, tomados de um receio indifinivel, porque era d'aquelle que assustam, participando ao mesmo tempo da suprema baçagem da ventura.



MORTE DE SANTA CLARA

Sem dizerem coisa alguma um ao outro permaneceram alguns segundos, até que Lamercier recuperou o uso da palavra, mas não para exprimir o que a prudência aconselhava e o estado das relações pedia; saiu-lhe dos labios o que os olhares costumavam traduzir:

— Sra. D. Clara, indizível felicidade é esta, a de ter podido merecer-lhe tantos e tão subidos favores! Quizera ser sempre eu a ter de agradecer e a Providencia veiu em meu auxilio; é-me grato ver, ainda que a preço do risco da propria vida, que V. Exa. me pagou com usura o pouco que fiz por si.

— Oh! não diga tal, que eu sinto-me cada vez mais, e comprazo-me em sel-o, immensamente devedora á sua coragem levantada, ao seu esforço nobre e generoso!! Uma mulher mal pôde pagar, embora toda se devote, a honra, que quasi lhe foi restituída.

— Minha senhora, por Deus! não amesquinhe tanto o que me vae n'alma... se eu não soubesse dar ás suas palavras o apreço da maior bemaventurança, seria um impio, porquanto, se não ouse dizer-lhe que a amo, sinto que merecer-lhe tal conceito é a maior, a mais fervente das minhas aspirações...

Clara, erguendo-se nervosa:

— Eu, francamente... não atinjo o sentido das suas palavras.

Lamercier em tom dolorido:

— Tem V. Exa. razão, esquecia-me, levado por phantasias illusorias do meu espirito romanesco, que sou aqui um hospede, porventura, um prisioneiro com homenagem... quem sabe se um intruso, que abusa

dos favores recebidos?... mas, eu já tenho forças para me pôr em marcha...

— Oh! não continue, que me mata esse seu desdem! Não lhe mereço ironias... Muito nova e alheia do convívio do mundo, sei que sinto por si, que é garboso e nobre, qualquer coisa fóra do commum; attribuia-o á falta de experiencia, a um sentimento de gratidão sem limites... vejo agora que pôde ser amor, e exulto de contentamento por o ter aprendido dos seus labios, que me constumei a considerar dos mais leaes.

Elle, fóra de si:

— Clara, deixa-me tratar-te assim, repete outra vez o que os meus ouvidos não querem acreditar, por ser dita superior áquella com que pôde um homem; repete-o, para que eu não ouse mais queixar-me de Deus, sejam quaes forem as provações que me reserve.

— Sim, serei tua, porque és digno de mim, porque... te amo, se amar é este phrenesi de viver por intermedio d'outra alma, que queremos confundir com a nossa!

— Bem dito seja o céo de Portugal, que cobre com o seu manto, sereno e bello, effluvios, tão deliciosos como aquelles com que me doiras a existencia!

Clara, com meiguice o a medo:

— E... pôdes ainda pensar em partir?

Lamercier embevecido:

Que lei, que poder, quem ha de arrancar-me aos deleites sublimes em que o teu amor me embalsama?!

E ficaram a olhar-se, enlevados um no outro. A breve trecho, porém, sentiram-se passos, e os dois, quaes tímidos collegiaes apanhados em contração do regulamento, fugiram apressados em direcções oppostas.

A scena, o rapido idyllio, que deixamos ligeiramente esboçado, passou-se de tarde, e, ao anoitecer, quando José da Piedade, que costumava ir dar cavaço ao hospede, entrou no quarto d'este, encontrou-o extremamente agitado, impaciente e acabrunhado...

### CORRESPONDENCIA

81902 — Januaria — Cremos que deixou de se publicar o jornal indicado; ha muito que não ouvimos fallar n'elle.  
79693 — Entre Rios — No numero de 15 de Setembro de 1891.  
89324 — Campos — E' indispensavel a declaração do numero da assignatura quando se nos dirija alguma reclamação. Alem da prova que a assignatura foi tomada mesmo no nosso escriptorio e não no de algum intermediario essa informação facilita a busca a que temos de proceder, sendo portanto mais prompta a resposta.  
78911 — Iapa — Na obra "Preparo do Vestuario para Senhora", que se vende em nosso escriptorio encontrará V. Ex. descripção minuciosa em desenhos e moldes de traje para montar a cavallo.  
81167 — Janú — Procuramos resumir as indicações de endereço por causa das dimensões limitadas dos nossos rotulos impressos, todavia temos todo o cuidado ainda que resumido em conservar toda clareza.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete..... de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Pó de Arroz... de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Essencia..... de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Agua de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Oleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Brilbantina..... de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Basta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invistvel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido Iatif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embellezar a tez.  
Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excellente contra as picadas de insectos.

**ELIXIR E PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

**T. T. PIVER em PARIS**  
IMPORTADOR DA  
Nova PERFUMARIA Extra-fina

**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

SABÃO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
PÓ de ARROZ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
BRILBANTINA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
OLEO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
AGUA de TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
LOTION..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

Contra a **ANEMIA**, a **FRAQUEZA**  
o **RACHITISMO**, as **ESCROFULAS**  
o **RHEUMATISMO**, a **TISICA** etc.  
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO

**VINHO VIVIEN**

de **EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO**  
Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradável ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de **VINHO VIVIEN**, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhao.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS  
PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO \* FEBRIFUGO \* REGENERADOR

do **VINHO DOCTOR JOHANN**

COM  
**QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE**  
**HYPOPHOSPHITOS**

Energico reconstituinte recommendado nos casos da **POBREZA de SANGUE**, — **CHLOROSIS**, — **LYMPHATISMO**, — **FEBRES PERNICIOSAS**, e principalmente ás Senhoras nos casos de **FLUXO BRANCO**, — **MENSTRUACÃO IRREGULAR**, etc.

A venda em todas Pharmacias, PARIS: r. Lafayette, 126

**HOUBIGANT**  
PERFUMISTA  
da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA  
— PARIS —

**AGUA HOUBIGANT**  
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

**AGUA de TOUCADOR** com Heliotropio branco.  
**AGUA de COLONIA** Imperial Russa.

**EXTRACTOS PARA O LENÇO**: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violetta russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

**SABONETES**: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.  
**PÓS OPHELIA**, Talismão de Belleza.  
**PÓS PEAU D'ESPAGNE**.  
**LOÇÃO VEGETAL** para os Cabellos.

**PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI**

**MEIO SEculo DE SUCESSO**  
O unico verdadeiro Alcool de Hortelã é o Alcool de Hortelã

**DE RICQLÈS**

Algumas gottas d'este alcool em um copo d'agua com assucar fazem uma bebida deliciosa, sadia, refrigerante e barata, matando instantaneamente a sede e saneando a agua.

Em dose maior é **INFALLIVEL** contra as indigestões, os atordoamentos, as dores de estomago, o enjão, as doenças dos nervos, as dores de cabeça, a dysenteria e a cholera.

Tambem é **EXCELLENTE** para os dentes, a bocca, e todos os cuidados do toucador.

**É UM PRESERVATIVO** contra as **EPIDEMIAS**.

55 recompensas entre ellas 16 diplomas de honra e 15 medalhas de Ouro.

**NÃO COMPRAR AS IMITAÇÕES e**  
Exija-se o nome **DE RICQLÈS**.